

A Arte Recombinatória na Lentidão Gastronómico-Literária

Por Henrique Garcia Pereira

hpereira@alfa.ist.utl.pt

<http://cerena.ist.utl.pt/hgp/>



1º ACTO

GASTRONOMIA
E CULTURA

ANDAMENTO 1

A METÁFORA GASTRONÓMICA DO TEXTO

**Francis Bacon
classificava os
textos como se
fossem
alimentos...**



A Rainha Isabel I, inspirada pelos seus favoritos, lia a Bíblia lentamente, ruminando as frases...



Sir Walter Raleigh



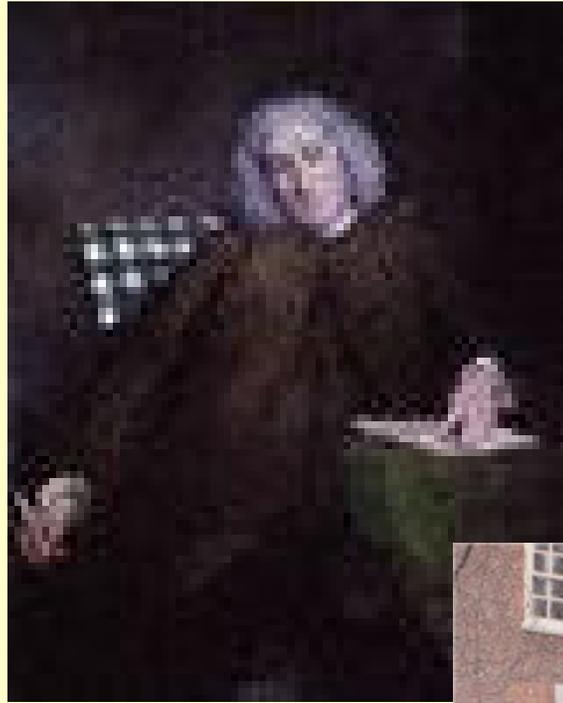
Thomas Hariot



Robert Dudley



Sir Richard Grenville



**O Dr. Samuel
Johnson era
um leitor
glutão...**

ANDAMENTO 2

CABALA E
ARTE RECOMBINATÓRIA

L'écriture hébraïque

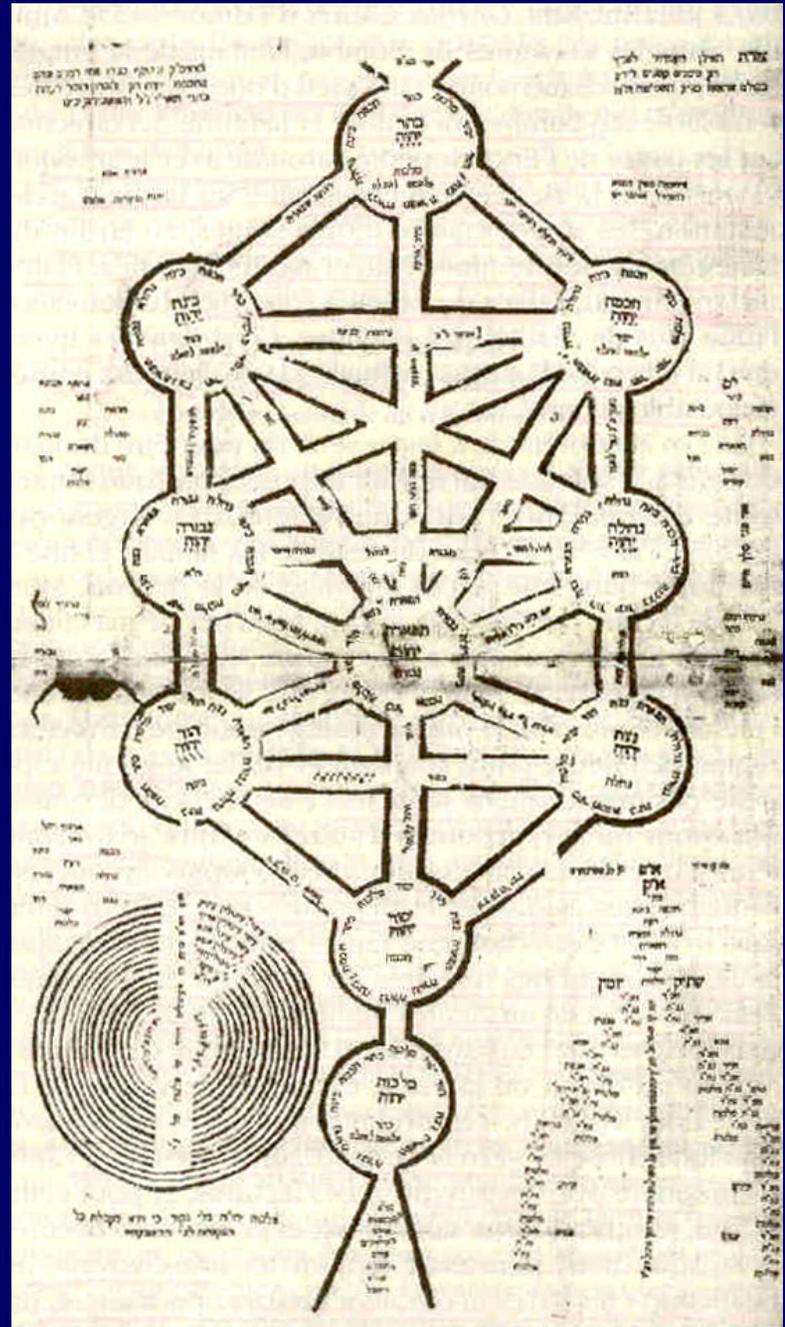
א ב ג ד ה ו ז ח ט י כ ל מ נ ס ע פ צ ק ר ש ת

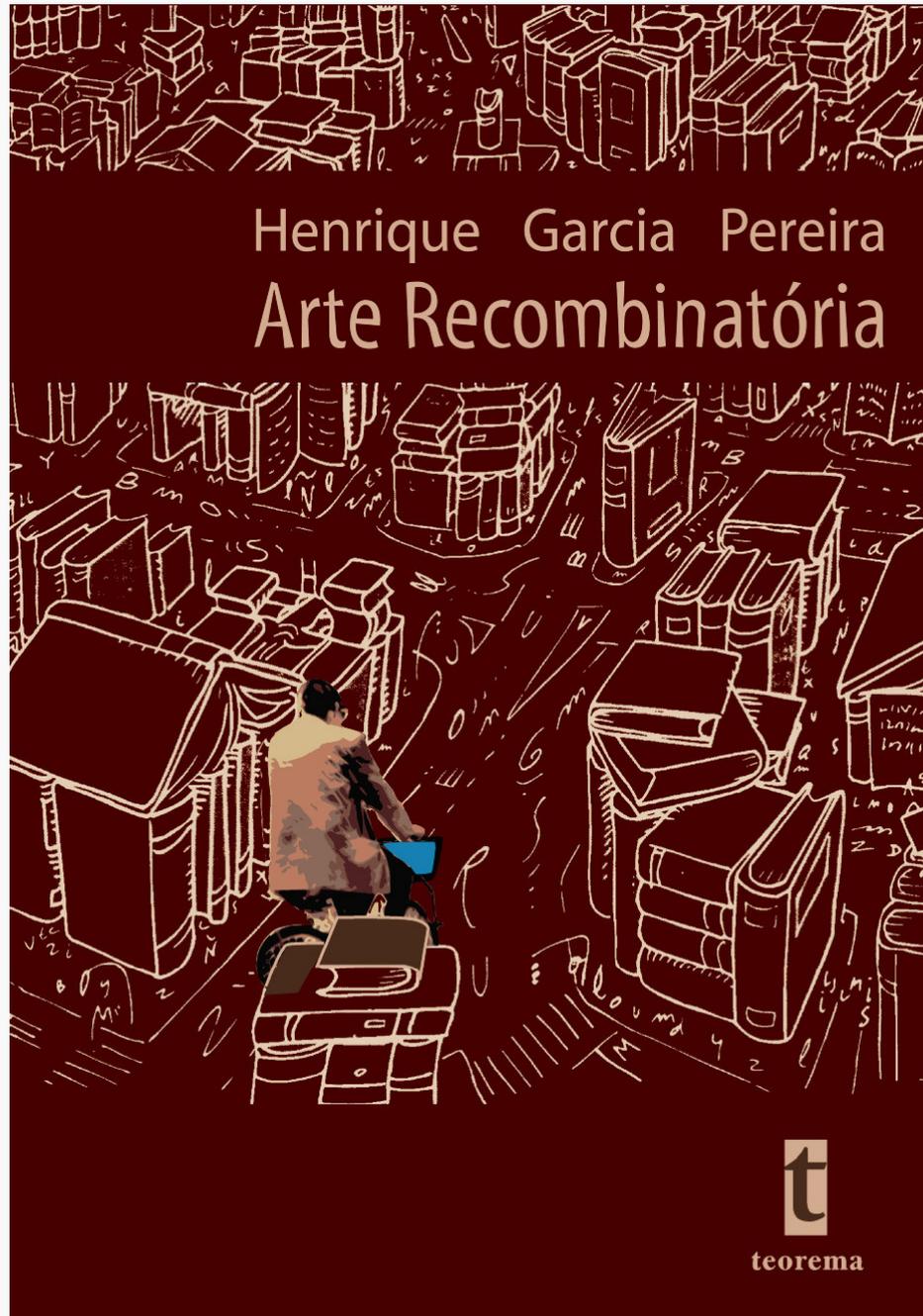
Naissance	XI ^e siècle av. J.-C.
Région géographique	Proche-Orient.
Ascendance	Alphabet phénicien.
Système	Alphabétique consonantique.
Nombre de signes	22.
Sens de lecture	Droite à gauche.
Langues notées	Hébreu, araméen, yiddish, judéo-espagnol, judéo-arabe, etc.
Document le plus ancien connu	Calendrier de Gezer (vers 950 av. J.-C.).
Toujours en usage	Oui.

Que os judeus se façã destes regno. De como hã de her. Fo. l.º.

¶ Titulo. xlviii. Que os judeus se façam destes regnos: e nom mozem: nem esteem nelles.

Que todo fidel xpão sobre todas as cousas he obrigado fazer aquellas que som feruço de nosso senhoi: acrescenta-mento de sua santa fee catolica: e a estas nom fomenta de uem po poer todos os guanhos: e percos deste mudo: mas ajnda as propias viças: ho que os filijs muyto mais inteiramente fazer de uem e som obriga dos: por que per jesus xpõ nosso senhoi: som: e regem: e delle recebem neste mudo maiores mercees que outra algũa pessoa. Ho olo qual sendo nos muy certo que os judeus obliuados no odio da nossa santa fee catholica de xpõ nosso senhoi: que por sua morte nos remio: tem commendo: e continuamente cõtra elle cometem grãdes males: e blasfemias: em estes nossos regnos: as qes nom tam fomenta a elles: que som filhos de maldicaem: em quanto na dureza de seus corações esteuerem: som causa de mais cõdenaçã mais ajnda a muyto xpãos faze apartar da verdadeira carreira que he a santa fee catholica. Ho os estas: e outras muy grãdes: e necessarias razões: q nos a esto moue: q a todo xpão som notozias: e mani festas. Aju da maoura deliberaçã: cõ os do nosso cõselho: e leterado determinam: e mãdam q da publicaçã desta nossa ley: e stermi naçã: atee per todo ho mes do cubio: do ãno do nãgimẽto de nosso senhoi: de mil: e quatroçẽtos: e nouẽta: e sete: todo os judeo e judias que em nossos regnos ouuer de qualquer hyoate q sejam: se façam: foa delles: sob pena de morte natural: e perderẽ as fazẽdas pa que os acufar. E qualquer pessoa q passãdo ho dito rto teuer ekkõdoõo alguã juden: per este mesmo feito qramos q perca toda sua fazẽda.



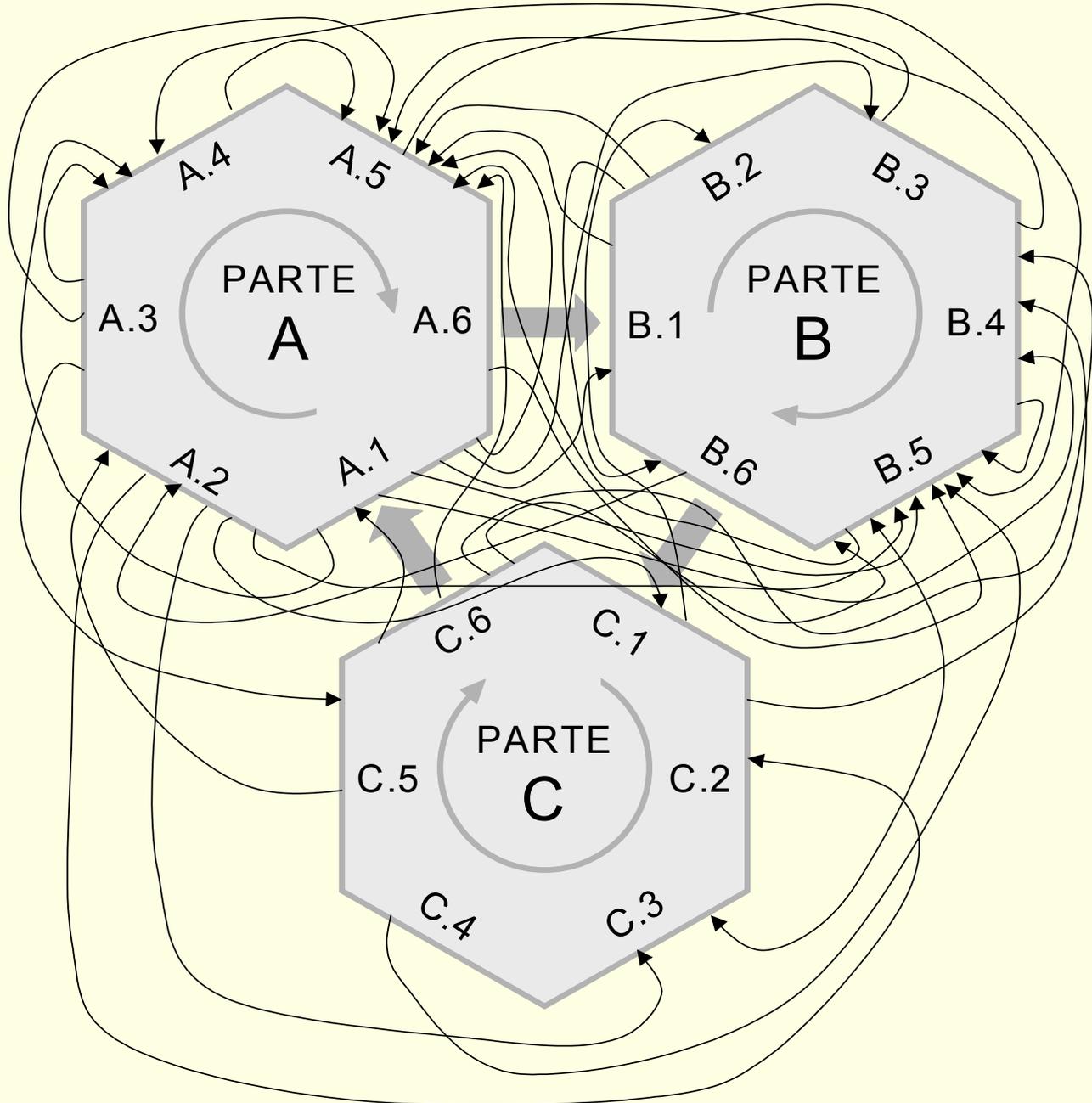


Henrique Garcia Pereira
Arte Recombinatória



teorema





A lenda...

A Sopa de Pedra é uma especialidade de Almeirim. Conta-se que o primeiro homem a fazê-la foi um frade lambareiro e espertalhão...

Um frade andava no peditório. Chegou à porta de um lavrador, mas não lhe quiseram aí dar nada. O frade estava a cair de fome e disse:

- Vou ver se faço um caldinho de pedra.

E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôs-se a olhar para ela, como para ver se era boa para um caldo. A gente da casa pôs-se a rir do frade e daquela lembrança. Diz o frade:

- Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço. Ele pô-lo na panela e, enquanto se cozia, tirou do alforge pão e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beiço.

Depois de despejada a panela, ficou a pedra no fundo.

A gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe:

- Ó senhor frade, então a pedra?

- A pedra... lavo-a e levo-a comigo para outra vez.

*Conto Tradicional português
recolhido por Teófilo Braga*

A SOPA DE PEDRA



ANDAMENTO 3

COZINHADOS
LENTOS



ANDAMENTO 4

SOLIDÃO

Quando estou só alimento-me em companhia dos textos...





2º ACTO

A LENTIDÃO NO PRAZER DA GASTRONOMIA

ANDAMENTO 1

COMER COM OS AMIGOS
CONTRA A FAST FOOD

Socializando à
mesa...

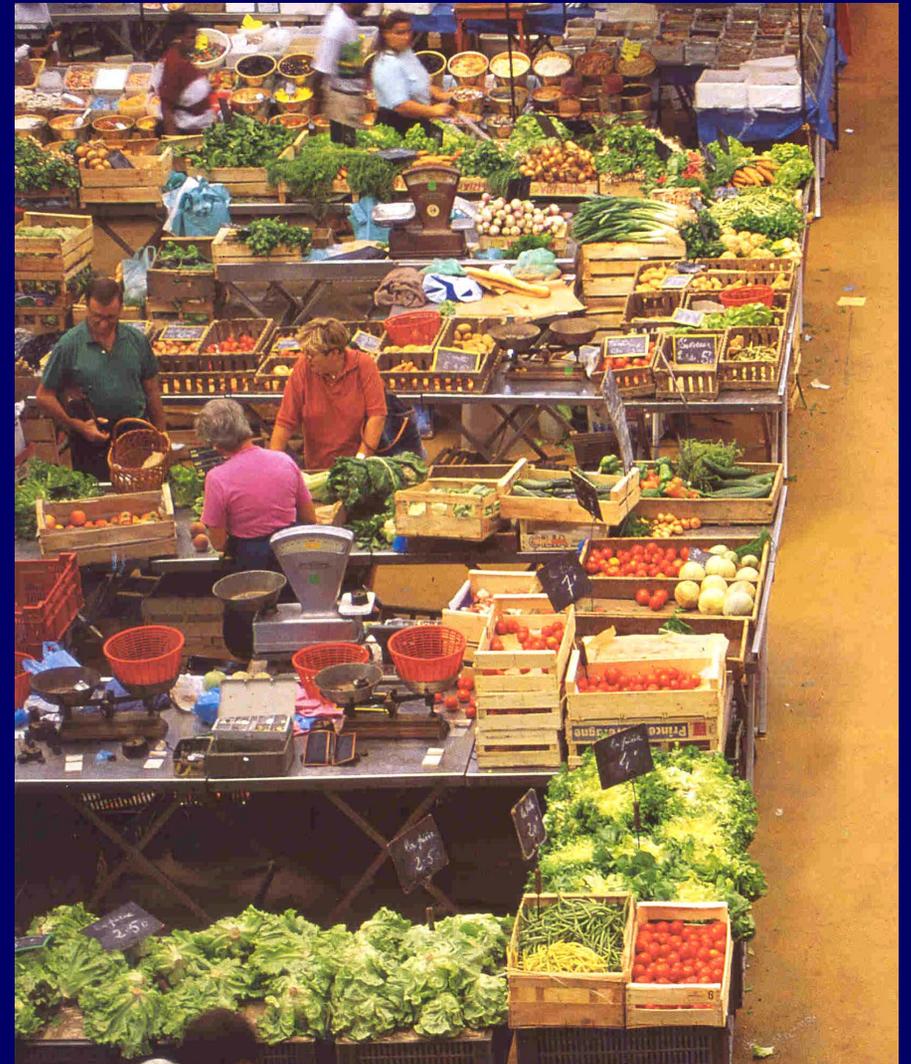


**A Fast Food
alimenta a
agressividade
individualista**



ANDAMENTO 2

O PRAZER NA LENTIDÃO



Uma mulher sem
apetite, por mais
maravilhosa que
seja, é objecto de
suspeita, e não de
desejo. (Casanova)

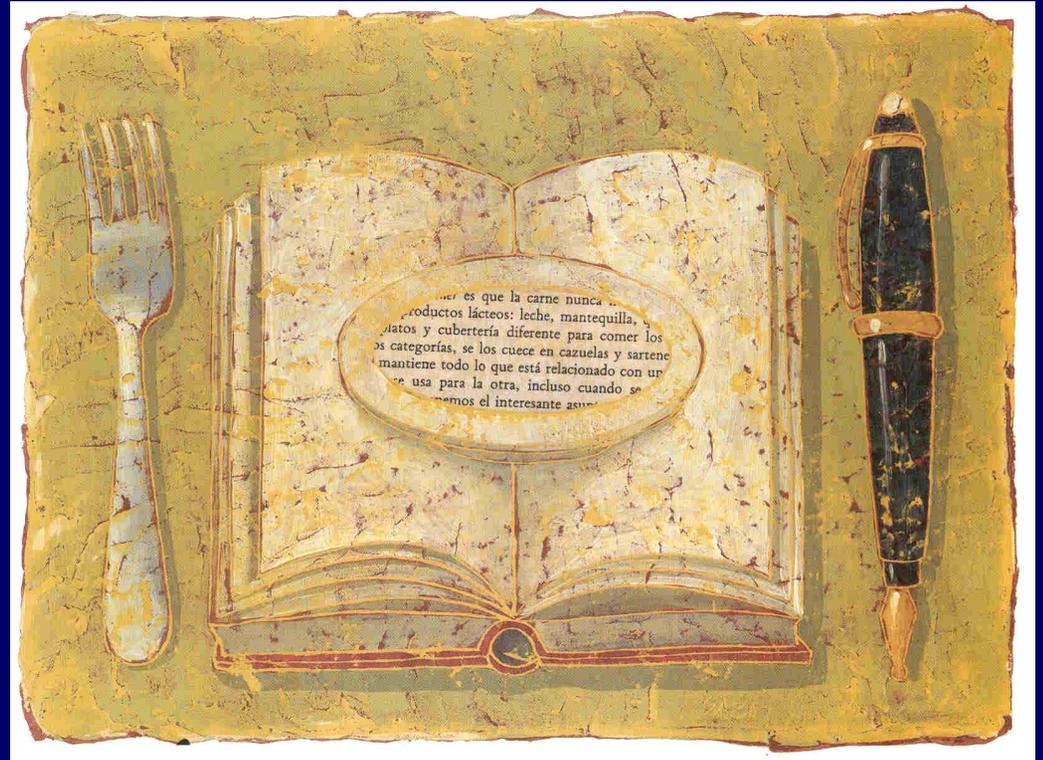


3º ACTO

ESTÓRIAS DA FICÇÃO
POLÍTICO-GASTRONÓMICA

ANDAMENTO 1

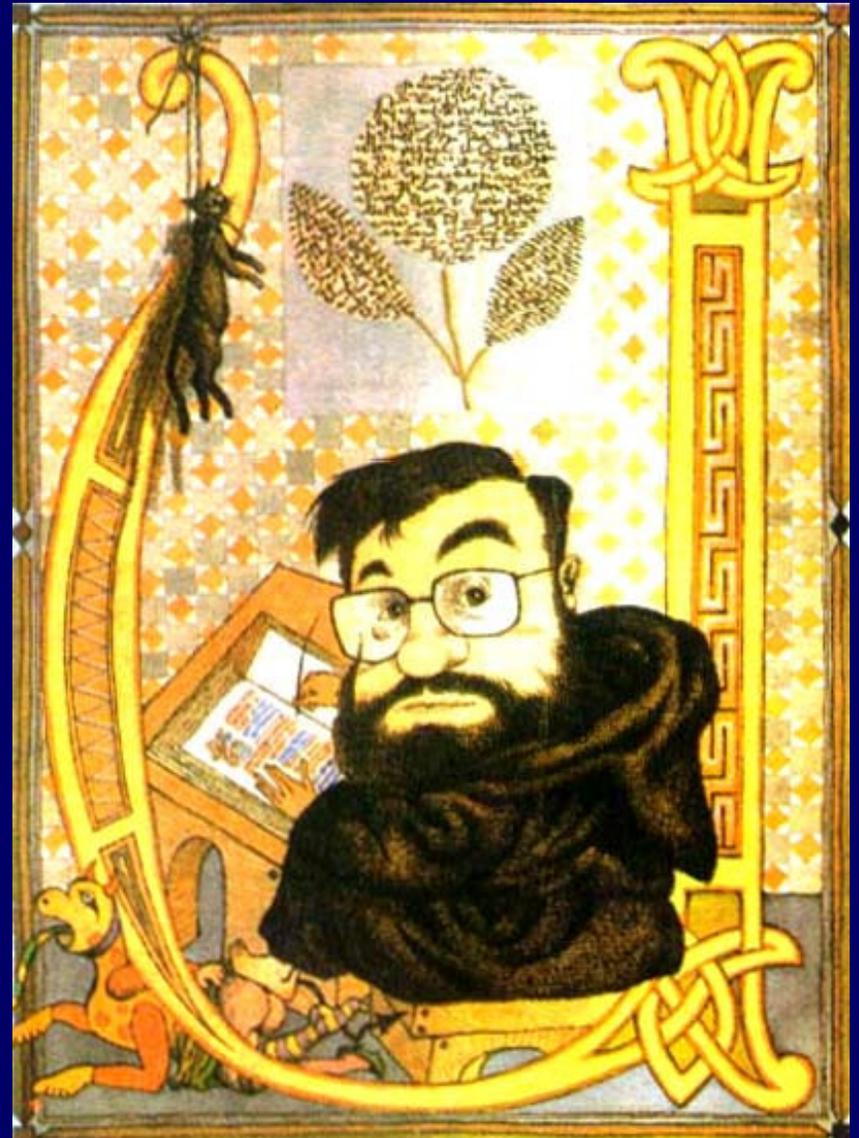
PEPE CARVALHO,
O DETECTIVE GASTRÓNOMO



ANDAMENTO 2

MONTÁLBAN ENCONTRA
UMBERTO ECO

O irmão Jorge,
monge-bibliotecário-cego,
morre envenenado nas
páginas da poética de
Aristóteles



ANDAMENTO 3

MONTÁLBAN VISITA
O SUBCOMANDANTE MARCOS

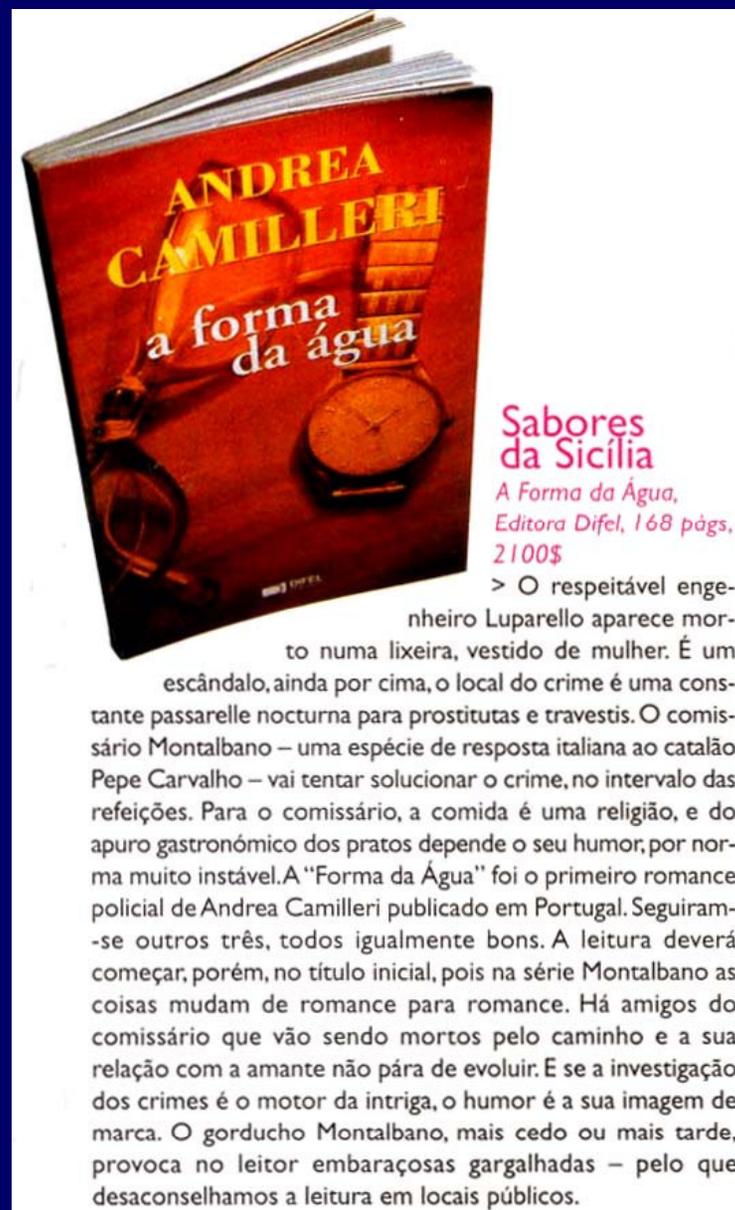
Na floresta de Lacandona, Montalbán entrega a encomenda dos chouriços de Guijuelo ao Sub-comandante Marcos



ANDAMENTO 4

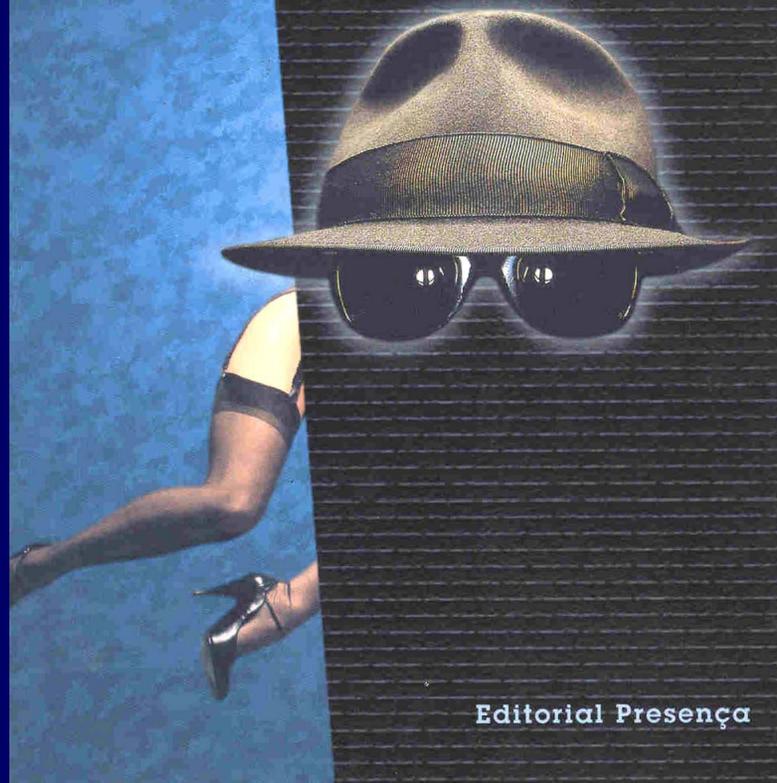
MONTALBÁN *VS.*
MONTALBANO

Montalbano é subcomissário aos 30 anos, depois de, aos 18, ter abraçado o *Maggio Rampante* de 1969: “manifestou-se, ocupou, proclamou, fornicou, fumou charros, lutou”

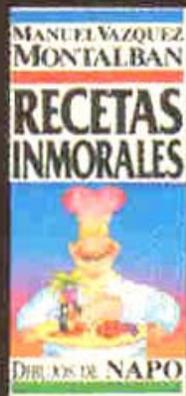


**ANDREA
CAMILLERI**

**UM MÊS COM
MONTALBANO**



Editorial Presença



DULCE COMIDA





4^o ACTO

A LENTIDÃO MEDITERRÂNICA
PASSA AO ATAQUE

ANDAMENTO 1

A EUROPA CANSADA
PUXA DOS SEUS GALÕES

A lentidão
europeia
funciona
economicamente

SHARON: 'THIS CAN'T GO ON' • AMERICA'S MONSTER CARS

Newsweek

THE INTERNATIONAL NEWSMAGAZINE

July 2, 2001

Slow Europe

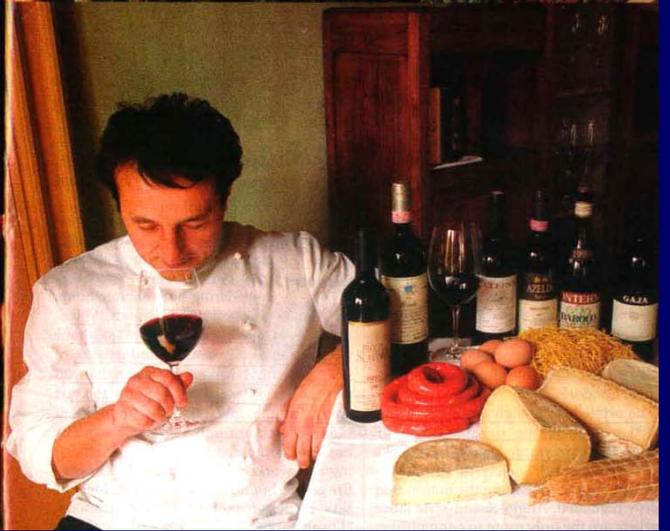
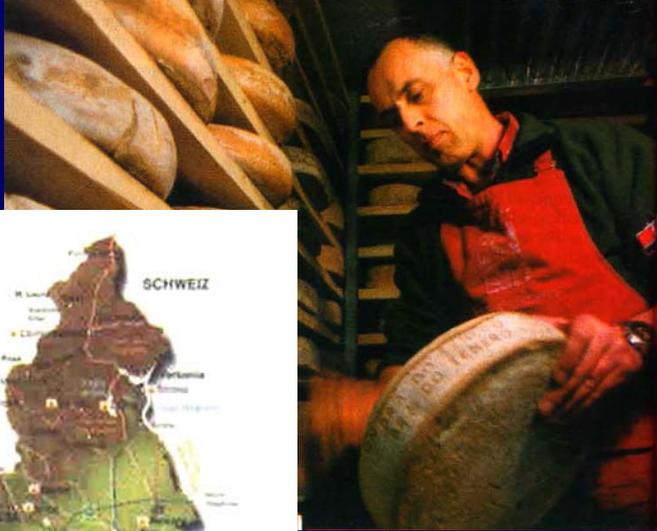
So Long,
American
Rat Race!

Across the
Continent,
People and
Governments
Are Choosing
A Kinder
and Gentler
Capitalism.

2 6

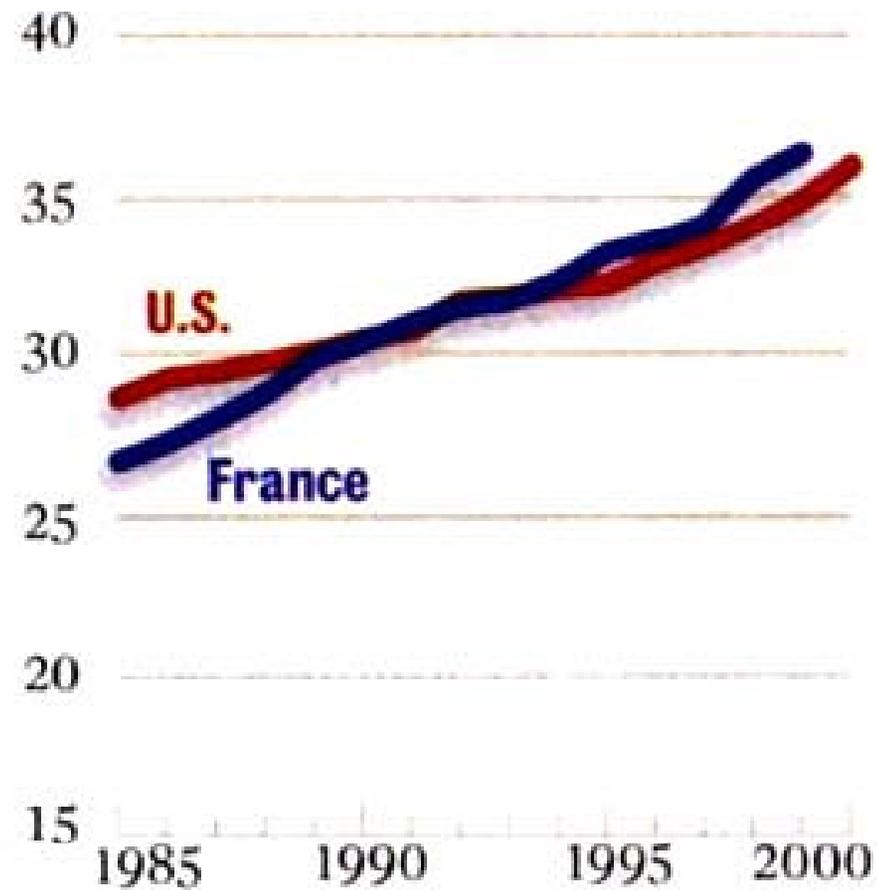
Albania Lek 800	Finland Mk 24.00	Israel NIS 15.00	Norway Kr 32.00	Sweden SKr 33.00
Austria Sch 53.00	France F 27.00	Italy L 17.400	Poland (incl tax) Pln 8.50	Switzerland SF 6.40
Belgium BF 155.00	Germany DM 50	Kazakhstan \$4.00	Portugal (incl tax) Es 770	Turkey TL 2,000.000
Bulgaria BGL 3.50	Gibraltar G 2.60	Latvia \$4.00	Romania Lei 61,000	Ukraine \$4.00
Croatia KN 30.00	Greece Drs 800	Lithuania \$4.00	Russia \$4.00	United Kingdom £ 2.20
Cyprus CE 1.90	Hungary Ft 350.00	Luxembourg Lf 155.00	Slovakia SK 95.00	U.S. Dollars \$ 3.25
Czech Republic CZK 85.00	Ireland IR 300	Malta Lm 1.50	Slovenia SIT 470	Yugoslavia DIN 130
Denmark Kr 31.00	Ireland (incl tax) E 3.00	Netherlands Fl 8.40	Spain Pts 840	



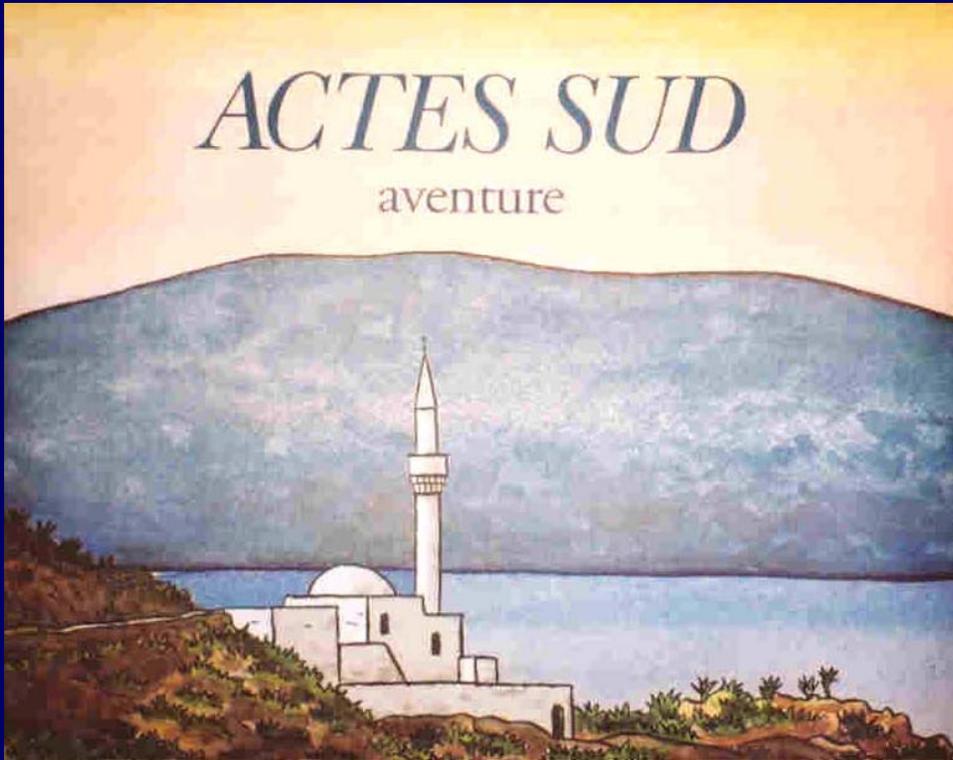


Productive France

AVERAGE GDP PER WORKER,
PER HOUR IN US\$



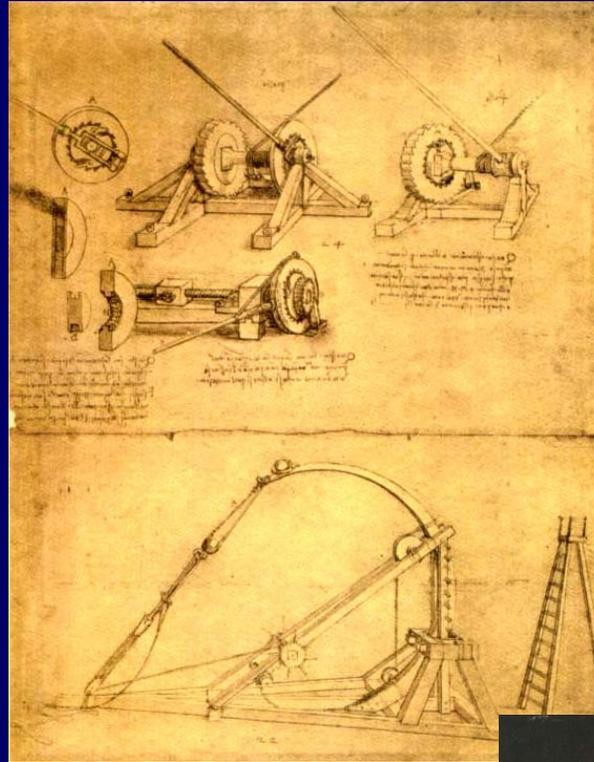
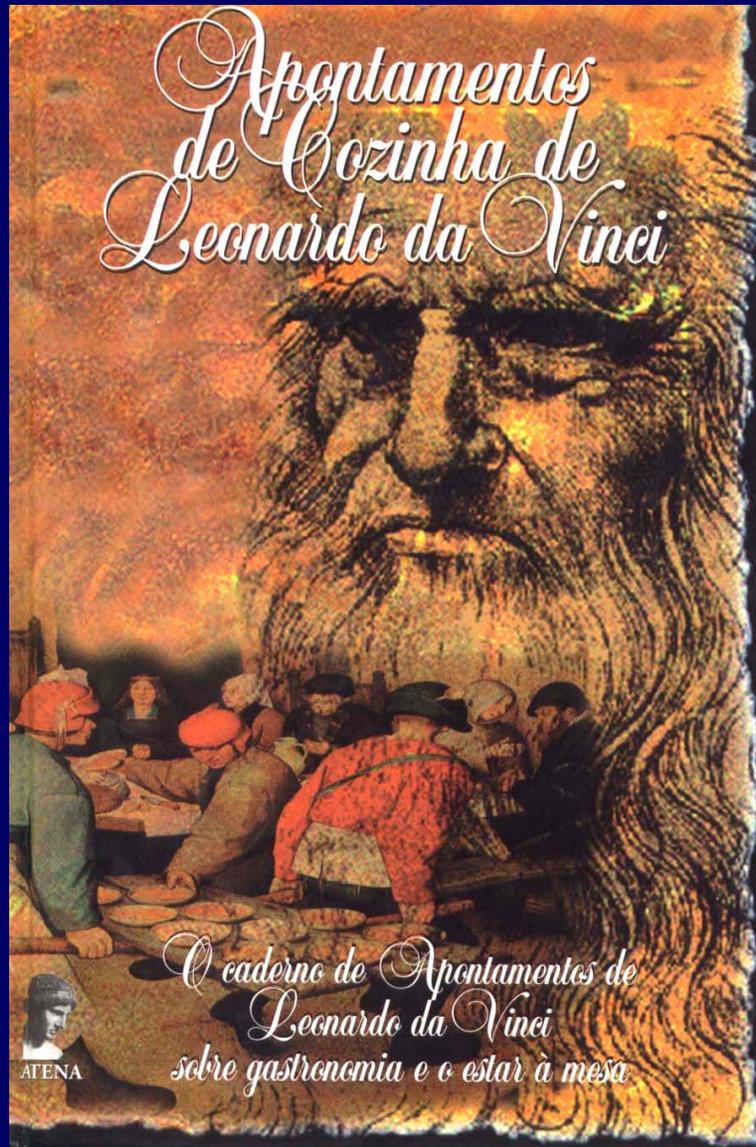
ACTES SUD
aventure



SLOW FOOD







”Queremos falar com toda a gente num instante. Mas queremos fazê-lo escolhendo os argumentos e os interlocutores, escolhendo os tempos e os tons, escolhendo compreender e fazer compreender, não só dizer”





Egyd Gstättner

VIAGEM AO TEJO COM PESSOA NA BAGAGEM

O beijo au ralenti dos indolentes do sul



Granito
Editores e Livreiros

ANDAMENTO 2

A ESPANHA
DOS APRESSADOS SEM PRESSA

APRESADOS SEN PRESA

USANT 520

Abrir a boca en ti, onde as estrelas
configuran a constelación dos nosos nomes,
abrandar a vontade que nos puxa
implacabelmente para os extremos opostos
con esa forza de non sermos nen eu ti nen ti eu,
cortar a fita para inaugurar o tempo
no que nos miramos o ollo no ollo multiplicado
como o rio aquel, o suor, o beixo continuado
balizado por latexos que se escapan,
e palabras atadas que nos fican dentro,
para fabricar o xesto de buscar-nos
por debaixo das sombras e os vestidos.
Abrir a boca á escuridade para encontrar o día.

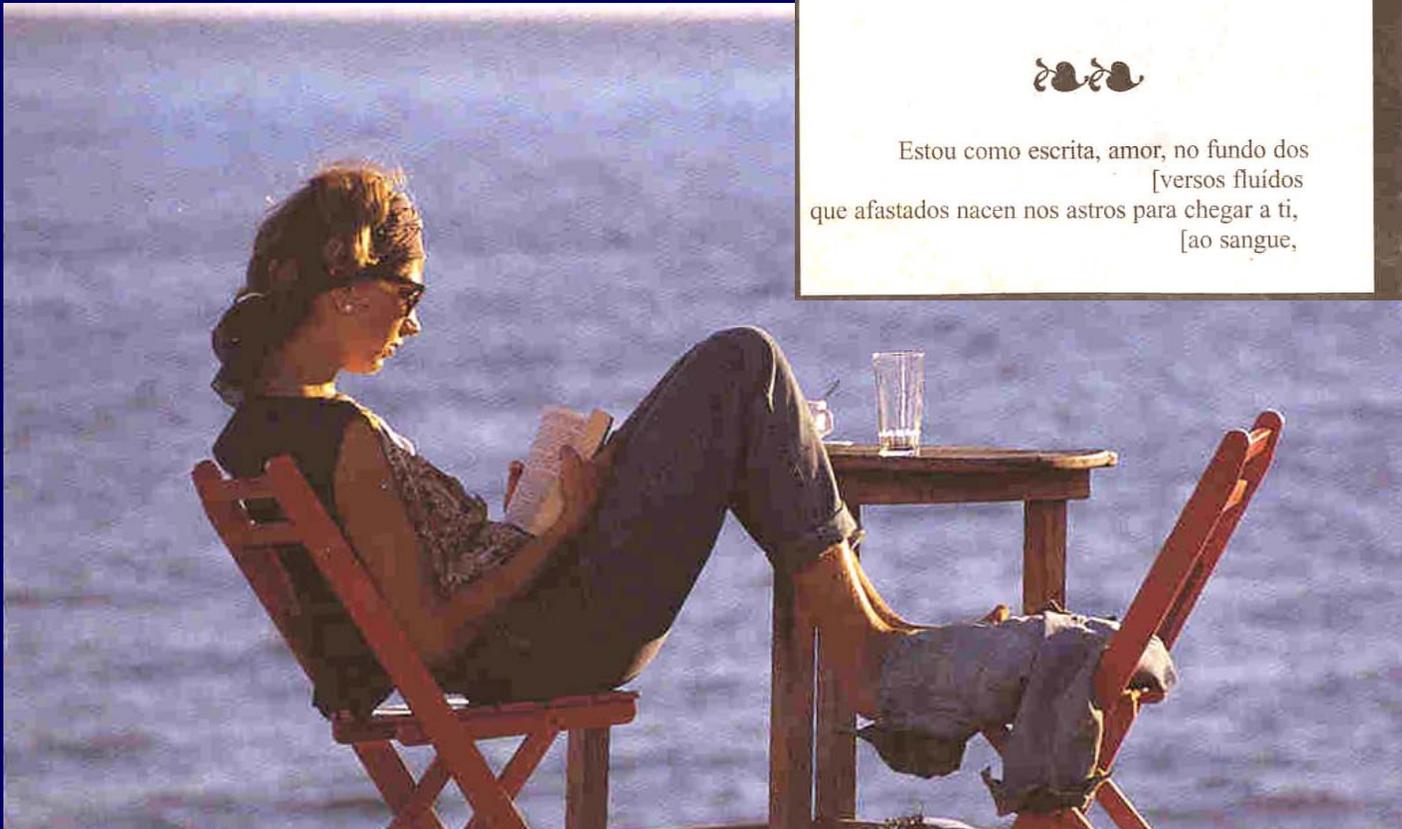


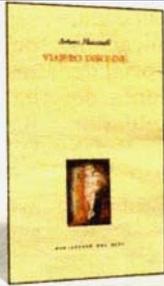
Estou como escrita, amor, no fondo dos
[versos fluídos
que afastados nacen nos astros para chegar a ti,
[ao sangue,

LUISA VILLALTA



LUISA VILLALTA, 43 anos, poeta con formación filolóxica e musical, caracteriza-se por ter traballado, formal e tematicamente, na fusión da literatura e da música, en poemas concebidos para serem ditos, parte deles publicados nos libros *Música Reservada* (1991), *Ruído* (1995) e *Rota ao interior do ollo* (1995). É tamén ficcionista (terceiro título: *As chaves do tempo*, de 2001), dramaturga, ensaísta e colaboradora assídua de diversos xornais e revistas.





Instrucciones para perder países

VIAJERO INSOMNE

Arturo Maccanti
La Palma. Madrid, 2001
72 páginas. 1.500 pesetas

Como el amor, la muerte y el dinero, el viaje es uno de los temas más antiguos de la literatura. Es posible, además, que la poesía naciese el día en el que un viajero de vuelta se lanzase a contar (a cantar) todo lo descubierto dentro y fuera de sí (otra metáfora: la del viaje interior). Ese viejo territorio incombustible es el que transita Arturo Maccanti (Las Palmas, 1934) en este libro. Consciente de que "hiera más la memoria que la muerte", Maccanti sabe, con Fernando Pessoa, que viajar es perder países: una nueva forma de perder y perderse. Insulares y nostálgicos, forman estos poemas una región quemada por el paso del tiempo y por la luz del sol, un país sobre el que vuelan pájaros. "Debería / —la vida / permitirme— / volver", se lee en cuatro versos demorados. Acaso la escritura sea una forma de vuelta. J. R. M.

OS versos demorados de
ARTURO MACCANTI

< lentidos >

“estar por la noche en un bar y ver las hojas de los plátanos moverse”



“En el Mediterraneo se suele serrar los ojos en el momento de chupar la cabeza de un langostino como si se estuviera tomando la sagrada comunión”



Éxtasis ^{13.06.2001}

MANUEL VICENT

Algunas veces he tratado de imaginar qué estaría haciendo Teresa de Jesús cinco minutos antes de alcanzar ese fabuloso éxtasis que le esculpió Bernini. Pudo estar azotando en la celda con un látigo de esparto o saboreando un potaje de garbanzos con orejas de cerdo en una venta de arrieros. Ese orgasmo es tan perenne como el mármol e incluye todos los placeres contrarios de la vida, desde la alta mística que te funde con un dios, a la ruda digestión que te devuelve a la delicia de ser animal. No sucede lo mismo con la escultura redonda y feliz de cualquier Buda de jade, que sólo transmite la emoción serena de un señor que acaba de saborear un arroz con leche y que está esperando que le sirvan otra ración. En el Mediterráneo se suele cerrar los ojos en el momento de chupar la cabeza de un langostino como si se estuviera tomando la sagrada comunión. Por otra parte, está demostrado que todos los mares se hallan dentro de un berberecho, de modo que al abrir su concha cualquiera puede navegar hasta la isla más lejana. Siempre me he preguntado por qué un placer muy intenso te obliga a cerrar los ojos. En esto se parecen los místicos y los glotonos. Durante su fusión con dios o con el potaje a todos se les pierde la mirada, una ceguera voluptuosa que comparten con los enamorados. En cualquier iglesia barroca las hornacinas exhiben imágenes de cristos lacerados, corazones de vírgenes traspasados por siete puñales, coronas de espinas y potros de tormento. Este instrumental de martirio pone a esos santos a un punto del contorsionismo de la orgía. En otros altares hay imágenes más equilibradas flotando sobre nubes de nácar, con rayos de sol que les brotan del occipucio. A estos santos se les ve con el rostro muy relajado, hasta el punto que podrían anunciar una marca de melocotón en almíbar. Unos y otros vienen de placeres contrarios que les obligan a cerrar los ojos. En esa oscuridad donde uno se pierde no hay que ser un santo para alcanzar un orgasmo de mármol como Teresa de Jesús. Vaya usted a saber qué estaría haciendo esa maravillosa mujer antes de entrar en ese poderoso trance. A cualquiera que sea un buen asceta le bastará una ración de berberechos para llegar al éxtasis. Abra una concha. Elévela a los labios para poner todo el mar a su alcance y atreva-se a navegar a la isla más lejana posible, que tal vez es esa mujer sentada en la mesa de enfrente y que también navega con los ojos

SUBLINE
FICLO

like in your kind - Post Ben image

→ SUBLINE → FICLO

LENTIS

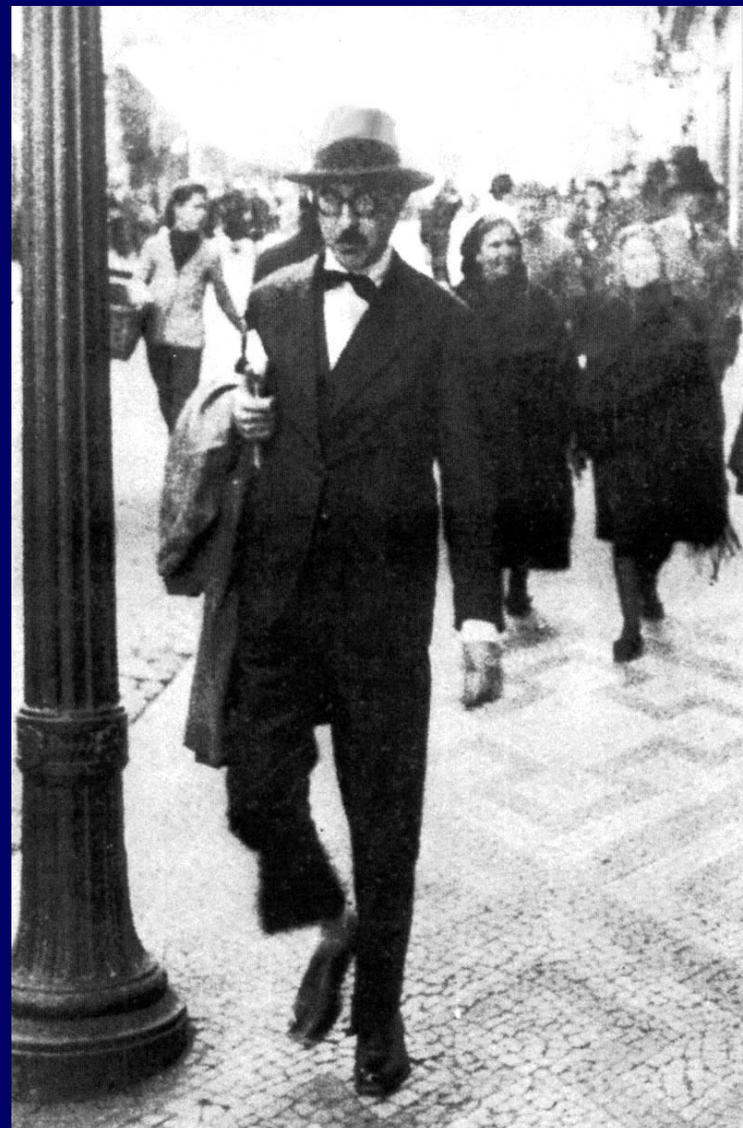
text
comu

ANDAMENTO 3

O PORTUGAL DA RAZÃO PREGUIÇOSA

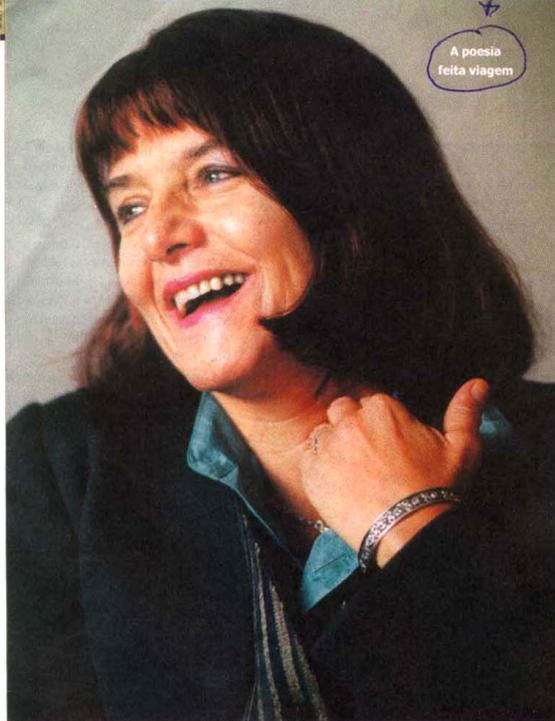
MIGUEL REAL

PORTUGAL
SER E REPRESENTAÇÃO



Que podias esperar do teu novo dia
sempre igual aos outros?
E mesmo assim avançavas para ele
com ímpeto como se fosses amassar
no alguidar ...

LIVROS



A vivência nostálgica de um quotidiano embalado pelo sonho no último livro de poemas de Teresa Rita Lopes

O apelo do Sul

HÁ POETAS que interrogam o real, armados com uma filosofia, com uma arte poética ou mesmo com uma teoria política, como se quisessem erguer uma barreira contra o universo; outros há que permitem que a vida chegue até aos versos que escrevem, sem defesas, sem estratégias, sem jogos inúteis. Deixam-se tocar pelos seres e pelas coisas que o mundo oferece, trabalham com o que encontram pelo caminho:

«Quem foi que disse que os poetas são pili-dos/ reis sem trono? Quem foi que disse que/ os versos se compõem com luar e estrelas/ de mãos desocupadas impotentes?/ Há poetas/ que esgravatam seus versos nos caixotes do lixo/ nas vazias ruas da madrugada antes que os cães/ acordem a disputar a presa/ há também os que/ os talham à faca em corno ou osso ou casca de árvore/ ou cana-de canavia/ e há os que os fazem de barro/ ou pedra ou água/ de lágrimas cuspo ou ranho/ da baba subtil do sonho» (pág. 94). Neste texto, intitulado «A Vossa Rude Bêncão», Teresa Rita Lopes coloca a sua poesia sob a égide daqueles que são errantes, solitários ou marginais: o marinheiro, o limpachaminés, o cavador, a filha de pai incógnito, o ordenhador, o pastor, o barqueiro, o contrabandista.

Afectos é um livro que não se deixa classificar. Pode ser lido como uma autobiografia poética (veja-se a 1ª parte, «Passagens do Diário Que Não Escrevo»), como uma busca das raízes («Meu Ser do Sul») ou como uma evocação daqueles que desapareceram e cuja presença é recordada através das marcas que inscreveram no mundo: «Brindes e Bênçãos» e «Mãe-d'Água». Num certo sentido, poder-se-ia dizer que apenas fala do que é essencial: da vida e da morte, dos sentimentos, da passagem dos dias, do registo do quotidiano. Traz consigo a visão de um universo feminino, construído a partir da evocação comovida da figura maternal que possuía a rara sabedoria dos que aprenderam a viver: «Que podias esperar do teu novo dia/ sempre igual aos outros?/ E mesmo assim avançavas para ele/ com ímpeto/ como se o fosses amassar/ no alguidar/ ou assoar-lhe o ranho/ ou dar-lhe banho» (pág. 47). A poesia de Teresa Rita procura incessantemente o centro do mundo, a casa da infância, o Sul que se deixa ver através das flores e dos frutos, dos pequenos animais que invadem o espaço doméstico, dos gestos ancestrais das mulheres.

No entanto, o poeta é aquele que não se deixa aprisionar, que percorre o mundo levando consigo as suas raízes: «Paris foi a minha terceira cidade natal/ Ai nasci de novo/ nua e com frio./ Ai me vi a braços com a minha sombra./ Na idade em que as mulheres se aplicam a mobilar a vida/ com marido e mobílias completas (de quarto, sala, escritório/ living-room) eu renascia numa água-furtada num sexto andar/ sem elevador/ mas com todos os telhados de Paris a estenderem-me/ o dorso para chagalianas viagens» («Minhas Três Cidades Natais», pág. 12). A poesia só pode ser entendida como um espaço de liberdade, como o lugar de um pensamento nómada, como uma resposta a um apelo infinitamente repetido. Oscilando entre a sombra tutelar de Alberto Caeiro (o que ficava) e o apelo de Álvaro Campos (o que partia) ou não fosse a Autora uma reconhecida especialista de Fernando Pessoa, Afectos vem coroar uma experiência poética iniciada nos anos 60, mantendo também um curioso diálogo com a obra dramática e, sobretudo, com a última peça publicada, Esse tal Alguém. (PRESENÇA, 2000, 181 PÁGS., 2000500, 10,98 EUROS) Teresa Almeida



Livraria com bar, auditório,
galeria, exposições e
horário alargado: para ler
devagar com conforto

